

O ESTADO DE S. PAULO

GERAL

EDUCAÇÃO

Projeto revoluciona assistência a crianças carentes

Resultado de experiência mostra que manter criança com família é mais barato que em orfanato

SIMONE BIEHLER MATEOS

Enviada especial

MACEIÓ – Cada criança internada em um abrigo custa ao Estado de São Paulo entre R\$ 500 e R\$ 2 mil ao mês, de acordo com informações oficiais do governo. Em Maceió, capital de Alagoas, por apenas R\$ 53, o Lar São Domingos, um tradicional orfanato, está conseguindo não só manter ex-internos em casa, como ainda melhorar seu desempenho escolar e garantir assistência integral às suas famílias.

É uma experiência bem-sucedida, cuja ampliação pode ter forte impacto social: levaria de volta para suas famílias cerca de 90% das crianças e adolescentes internados em “orfãos” alagoanos. Se fosse em São Paulo, 70% dos internos seriam beneficiados. Esses são os percentuais de crianças que vivem nessas instituições só porque suas famílias são pobres demais para mantê-los.

Apesar de seus bons resultados, a experiência do Lar São Domingos, iniciada em 1994, passaria quase despercebida se a instituição não tivesse ganho, em 1997, o Prêmio Itaú-Unicef, conferido a entidades que desenvolvem projetos educacionais com alunos da rede pública. Graças ao prêmio, o Lar São Domingos dobrou sua capacidade de atendimento. “O prêmio deu visibilidade ao trabalho, o que facilitou novos financiamentos e parcerias técnicas”, explica a assistente social Maria Inês Pacheco, responsável pelo reordenamento da instituição.

Apoio amplo – O Lar oferece desde educação infantil em período integral até aulas diárias de complementação ao ensino básico, cursos profissionalizantes, aulas de capoeira e dança, educação para a cidadania, alfabetização de adultos, assistência médica, apoio a idosos e a

gestantes. Tudo isso com o custo mensal de R\$ 53 per capita – menos do que custa mensalmente um aluno na rede pública do Estado (R\$ 68).

A experiência reduziu não só a evasão e o fracasso escolar entre os beneficiários dos programas, como também dois problemas sociais endêmicos nas áreas carentes atendidas: gravidez precoce e violência doméstica.

Nos últimos cinco anos, registrou-se apenas um caso de gravidez entre as alunas da instituição, incidência pequena se comparada à da comunidade. Também as agressões físicas caíram.

“Há cinco anos, quando o programa começou, quase 30% dos alunos chegavam para a aula com algum sinal de espancamento pelo menos uma vez por mês”, diz Maria Inês. “Hoje são casos eventuais.”

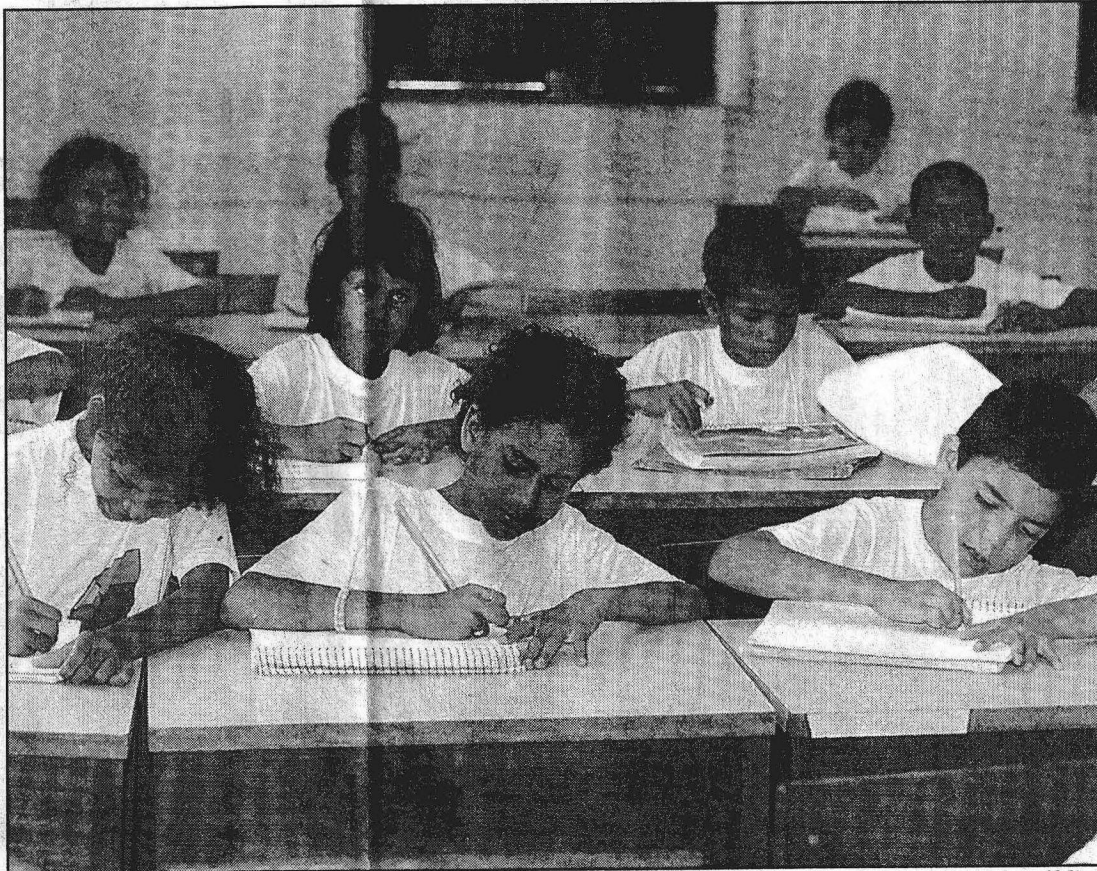
Resistência – O acompanhamento social constante das famílias foi a principal chave para as mudanças, segundo a especialista. Sem isso não teria sido possível vencer, por exemplo, a resistência das famílias e dos meninos às novas propostas. “Depois de anos de internação, a maioria dos meninos não queria voltar para casa e as famílias não os queriam de volta”, conta Maria Inês.

A maior parte das crianças passava mais de três anos internada. Algumas já estavam há dez anos na instituição, com pouco ou nenhum contato com as famílias.

Em muitos casos, o primeiro problema foi localizar a família. No início de 1994, entretanto, o mapeamento feito pelo instituto social indicava que 72 dos 85 internos tinham condições de ser reconduzidos às suas famílias, embora 38 delas necessitassem de ajuda para recebê-los.

Além de cestas básicas regulares, foram oferecidos às famílias camas, colchões e, às vezes, material de construção para erguer um cômodo a mais.

A reintegração familiar ocorreu gradualmente. Os internos, que durante muito tempo estudaram numa escola pública ins-



Sala de aula do Projeto Ninho de Pássaro, onde o índice de alfabetização é maior que na rede pública

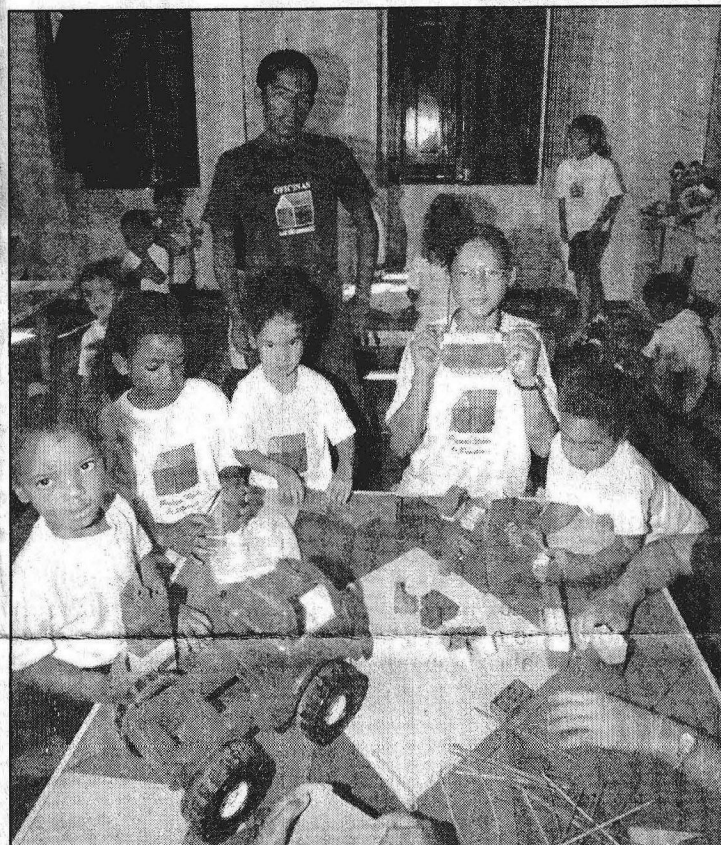
Robson Lima dos Santos/AE

talada dentro do Lar São Domingos, foram transferidos para escolas da comunidade.

A instituição intensificou a assistência social às famílias, com a criação de uma pré-escola de período integral, aberta aos irmãos de internos, cursos de iniciação profissional e projetos de promoção social. Atritos e problemas de adaptação foram acompanhados por psicólogos e assistentes sociais.

Lar provisório – Com esse apoio, em menos de um ano, 72 dos 85 menores que viviam internos voltaram a viver com suas famílias de origem. Para os 13 restantes criou-se uma casa provisória, dirigida por um casal contratado. Em dois anos, três dos internos no lar provisório atingiram a maioridade e os outros dez integraram-se em lares substitutos.

Todos os ex-internos reintegrados às famílias continuam vivendo com elas, com exceção daqueles que ganharam a maioria e independência. “Não houve um só caso de abandono do lar ou de busca de reintegração”, dia Maria Inês. “Apesar da resistência inicial, hoje, todas as famílias e adolescentes fazem um balanço positivo da



Alunos na brinquedoteca: móveis e brinquedos feitos por ex-interno

reintegração.”

A partir da reordenação, a família passou a ser o eixo de trabalho da instituição. O Lar São Domingos, que em 1994 manti-

nha 95 internos, hoje dá apoio social completo a mais de 300 famílias, desenvolvendo atividades educativas com 910 jovens de 2 a 17 anos.